

# DIURNA.

*a ousadia de escrever*

DEZ 2020

Nº 2

**EDIÇÃO**

DEZEMBRO 2020

**NÚMERO II**

**EDIÇÃO ESPECIAL**

AS CONTAS DO ESTADO

---

COMO O ESTADO PORTUGUÊS FAZ GESTÃO?  
O ORÇAMENTO E A CONTA GERAL DO ESTADO.  
A SOLUÇÃO PORTUGUESA.





**5 INTERVENÇÃO DO DEAN DA CPBS**  
RETALHO EM TEMPOS DE COVID

**IDEIAS FUNDAMENTAIS PARA COMPREENDER O DIREITO** 6  
A. AGOSTINHO GUEDES

**10 RESOLUÇÃO PACÍFICA DE CONFLITOS**  
MARIA BEATRIZ FERREIRA

**PERSONALIDADE EM DESTAQUE** 10  
A REITORA - ISABEL CAPELOA GIL

**24 CBQF - 30 ANOS DE INVESTIGAÇÃO COM IMPACTO**  
MANUELA PINTADO

**TOQUEM-SE NOS CORAÇÕES** 27  
GUSTAVO CARONA

**30 MEMÓRIAS DE LESBOS**  
MARIANA REIS BARBOSA

**O ASSOCIATIVISMO** 33  
UMA COLABORAÇÃO COM AS AES E A FAP

**42 OS PREFERIDOS**  
MANUEL AFONSO VAZ

# D.

## Editorial

---

**A** propósito do brutal assassinato de Ihor Homenyuk: sou dos que têm repulsa por dizer “apenas” “morte”. Ao contrário daquilo que políticas profundamente atentatórias dos Direitos Humanos possam defender, certo é que o Sr. Homenyuk, independentemente da sua nacionalidade, estatuto social ou situação jurídica, a propósito da entrada em Portugal, era uma Pessoa. Uma Vida. Uma Vida que nos estava confiada a todos nós, representados pelo Estado Português.

Como poderão ler nesta Edição, a bem da sua vida coletiva, a sociedade decide dispor de uma parte da sua liberdade para a entregar ao Estado, que a limita e a cuida, na medida do necessário, para garantir a nossa sã convivência.

É desse poder, exercido em nome de todos, que emana a capacidade de deter um Homem, intrinsecamente livre, e obrigá-lo a quedar-se num determinado espaço. A partir do momento em que exercemos essa prerrogativa sobre ele, não lhe permitindo que livremente cuide de si, há um imperativo, não só jurídico, mas acima de tudo moral de prezar pela sua Vida. Culpado ou inocente. Bem-feitor ou mal-feitor. Num gesto que nos distingue da selva.

Seja qual for a bagagem pessoal, académico ou profissional do leitor, é importante refletir sobre como, em última análise, todos nós somos responsáveis pela morte de uma Pessoa, às mãos de forças do SEF — fardadas, armadas e legitimadas pela nossa vontade democrática.

Sinto que, por vezes, nos esquecemos dessa enorme responsabilidade. De como somos a fonte e o limite do poder do Estado. De como temos o Direito e o Dever de exigir contas, tal como as prestamos. E, no único processo possível em liberdade, democraticamente julgar, por via de Eleições plurais e livres. Julgar para empoderar, logo de consequência, a que novamente ajam em nosso nome, sem que tenhamos, na maioria das vezes, sequer, o poder de ratificar o que for decidido.

Nesta 2ª Edição em que se fala dos princípios base do Direito, onde se aborda a capacidade do Estado de prestar contas e quando estamos a poucas semanas das Eleições Presidenciais, relido este texto, fiquei a pensar em como os mesmos fundamentos se podiam aplicar a todas estas matérias.

Em nome da Equipa do Diurna., boa leitura a todos.

**Nuno Brochado de Agarez**

Editor in Chief

# D.

## RETALHO EM TEMPOS DE COVID



INTERVENÇÃO DO DEAN  
CATÓLICA PORTO BUSINESS SCHOOL

**N**os últimos anos, o setor do retalho tem adotado modelos omnicanal, através dos quais oferece aos clientes a possibilidade de adquirirem os seus produtos ou serviços através de vários canais, tais como lojas físicas, internet ou telefone. Por exemplo, hoje em dia o consumidor pode comprar produtos de mercearia em supermercados físicos ou através da internet (recebendo os produtos em casa). O objetivo destes modelos é oferecer escolha e conveniência ao consumidor.

A pandemia está a ter um impacto significativo nestes modelos, essencialmente penalizando as lojas físicas. Por um lado, a experiência em loja deteriorou-se: pode ser necessário esperar em fila para entrar por a loja ter atingido a sua lotação covid (vejam-se as filas de várias dezenas de metros nas lojas Primark!), existem receios sanitários e certas atividades deixaram mesmo de ser possíveis em loja (por exemplo, algumas lojas de vestuário não permitem que os clientes experimentem os artigos, o que era um fator diferenciador em relação às compras pela internet). Por outro lado, a pandemia reduziu a rentabilidade das lojas. Uma “loja segura” poderá ter de operar abaixo da sua lotação original, ter menos artigos expostos e necessitar de higienizações frequentes.

Estes fatores levaram a um crescimento das compras realizadas pela internet. No entanto, paradoxalmente, a experiência dos consumidores não tem sido positiva, porventura, pelo facto de os retalhistas não estarem preparados para um crescimento tão elevado do volume de compras pela internet, levando a prazos de entrega longos e ruturas de stock.

Em consequência, os retalhistas deverão repensar a sua estratégia omnicanal e, em particular, os modelos logísticos que suportam as vendas online. Na reformulação das suas estratégias, os retalhistas devem permanecer flexíveis. Tal deve-se à incerteza que existe sobre a duração das restrições sanitárias e em que medida após terminada a crise os novos hábitos dos consumidores se cristalizarão ou reverterão ao que eram antes da crise.

Estas e outras questões são estudadas pelo SLab – Service Management Lab da Católica Porto Business School. Trata-se de um centro de competências que tem como objetivo a produção e transferência de conhecimento que possa contribuir para aumentar a produtividade, qualidade e inovação dos serviços.



**RUI SOUCASAUX SOUSA**

DEAN DA CATÓLICA PORTO BUSINESS SCHOOL

# D.

## IDEIAS FUNDAMENTAIS PARA COMPREENDER O DIREITO

Sejam bem-vindos à vossa 1ª Aula de Direito, com uma das figuras mais emblemáticas da Escola do Porto. O Professor Agostinho Guedes.

Uma simplificação essencial para que qualquer não-jurista dê os primeiros passos na compreensão do fantástico, e intrincado, mundo do Direito.



# D.

**F**ui desafiado para “sintetizar, para o ‘comum mortal’, um conjunto essencial de conceitos fundamentais à compreensão do Direito”. Esta é a minha proposta de ideias fundamentais para compreender o Direito.

Cada ser humano necessita de outros seres humanos; para sobreviver, desde logo, mas também para se tornar verdadeiramente humano. Por isso vivemos em sociedade, e essa coexistência arrasta o risco de conflitos. A sobrevivência e a evolução da espécie humana exigem que esses conflitos sejam resolvidos pacificamente, e, mais, exigem que se criem condições para que tais conflitos sejam evitados e para que as pessoas cooperem entre si. Essa é função do Direito.

O Direito traduz-se em regras de comportamento que organizam a sociedade; aprendemos essas regras de forma quase intuitiva quando somos crianças e de forma mais consciente enquanto nos tornamos adultos. A organização da sociedade é assegurada, em primeira linha, pela ordenação da liberdade individual, a qual envolve restrições a essa mesma liberdade. Estas restrições não podem ser arbitrárias, mas devem corresponder a uma ideia de Justiça, a qual é determinada pela cultura de cada Povo. As leis são, assim e antes de mais nada, restrições à liberdade

individual destinadas a assegurar uma organização da vida em sociedade segundo critérios de Justiça. A Justiça é inerente a qualquer ideia de Direito; Direito é Justiça em ação.

## **Aprendemos de forma quase intuitiva!**

A alternativa a uma ordem justa é uma ordem fundada na opressão, na violência e na arbitrariedade – a lei do mais forte. As primeiras vítimas duma tal ordem são os mais frágeis – as crianças, os idosos, os pobres, e, de uma forma geral, aqueles que os mais fortes escolhem não proteger. Por isso, os primeiros beneficiários de uma ordem justa são precisamente os mais frágeis de cada sociedade; de cada vez que o poder político sacrifica essa ordem justa, são os mais frágeis que, em último termo, sofrem as consequências dessa atitude imponderada, voluntarista ou movida por um qualquer tipo de ativismo de grupos que não prezam a liberdade.

# D.

A ordenação da liberdade individual é obtida através da imposição de deveres de agir e proibições (daí a limitação à liberdade) mas, também, através da atribuição de direitos e permissões a cada membro da sociedade. A um direito (em sentido técnico) corresponde sempre um dever, enquanto aspetos de uma mesma realidade – o vínculo (a ligação) entre duas ou mais pessoas. Esta atribuição de direitos e imposição de deveres é feita por duas vias: pelas leis criadas pelos órgãos políticos da sociedade mandatados pelo Povo para tal e pelas interações entre os membros da sociedade, quando traduzidos em acordos, promessas e outros compromissos privados (contratos e atos afins).

## Há aspetos da vida de cada um que não são relevantes para a sociedade.

Nas sociedades ocidentais, herdeiras da tradição cultural judaico-cristã, o Direito está ao serviço das pessoas, da defesa e proteção da dignidade de cada pessoa. Deste modo, o princípio jurídico primeiro que é declinado da ideia de Justiça é a o princípio da Liberdade – não

## O Direito está ao serviço das pessoas e da dignidade.

há dignidade na servidão. Outros são, por exemplo, o princípio da Igualdade (todas as pessoas têm a mesma dignidade), o princípio da Confiança (em sentido amplo, que abrange o dever de fidelidade à palavra dada e o dever de boa fé – bases da cooperação), o princípio da Solidariedade (“nenhum homem é uma ilha”).

Estes princípios são concretizações da Justiça, são ideias diretoras (*K. Larenz*) que reclamam a maior realização possível (*R. Alexy*); têm uma força expansiva e irradiante (*A. Cortés*).

Porque as normas jurídicas representam restrições à liberdade, e há aspetos da vida de cada um que não são relevantes para a sociedade, então o Direito não intervém (não deve intervir) nesses aspetos, e em que, portanto, a pessoa goza de uma liberdade plena, limitada, eventualmente, apenas por regras de natureza moral ou social. São os “espaços livres” de Direito.



# D.

## **Em sociedade não há liberdade ilimitada nem direitos ilimitados.**

Por outro lado, as primeiras restrições à liberdade justificam-se justamente pela necessidade de preservar a máxima liberdade possível, e efetiva, de todos os membros da sociedade, em todas as dimensões da sua vida: liberdade pessoal, liberdade moral, liberdade social, liberdade económica, liberdade política. Outras restrições justificam-se pela proteção de outros princípios jurídicos ou valores fundamentais de cada sociedade em particular. Em sociedade não há liberdade ilimitada nem direitos ilimitados. Não obstante, recai sobre o legislador o ónus indeclinável de demonstrar, em cada caso, a necessidade de restringir a liberdade e a adequação da restrição operada.

Cabe aos órgãos políticos do Estado, mandatados pelo Povo através de eleições livres, assegurar o respeito de todos pelo Direito, e pela ideia de Justiça que lhe é inerente. Cabe ao Estado a tarefa da administração da Justiça, sem hesitações ou tibiezas. Se o Estado for fraco, incapaz de fazer respeitar a ordem justa, rapidamente seremos conduzidos para a arbitrariedade, os abusos de poder e a destruição da liberdade.

**AGOSTINHO GUEDES**

---

Professor

Escola do Porto da Faculdade de Direito (UCP)

# D.

## RESOLUÇÃO PACÍFICA DE CONFLITOS INTERNACIONAIS

“**I**maginem que estão num avião e há um acidente. O avião despenha-se. Quando acordam, estão numa ilha deserta sem possibilidade aparente de resgate. E agora?”

Apesar de não conseguir citar, palavra por palavra, o professor Agostinho Guedes, a memória da minha primeira aula de Introdução ao Estudo do Direito está tão presente na minha mente como há três anos.

O objetivo era simular, instintivamente, a necessidade e natural origem do Direito. Primeiro, as pessoas procurariam água, comida, abrigo. De seguida, formariam grupos, procurando não só segurança, como também a socialização, o convívio. Prontamente perceberiam a necessidade de regras que regessem as suas relações, de uma comunidade politicamente organizada. E assim, surgiria o Direito.

**Difícil será, todavia, regular estas interações.**





# D.

## Conflito com mais de trinta anos.

Aplicando este raciocínio a um espectro internacional, é fácil perceber a importância de estabelecer relações continuadas entre Estados. Mais difícil será, todavia, regular estas interações e estabelecer uma estratégia de intervenção que previna ou solucione conflitos e disputas.

### Muitos criticaram a “falta de interesse” de gigantes como os EUA e a Europa.

Para concretizar esta ideia, permitam-me, agora, que vos pinte um cenário.

Imaginem um mapa do mundo. Vemos a cordilheira do Cáucaso e atravessamos o mar negro. Estamos agora na fronteira entre a Europa e a Ásia, entre países que surgem após o colapso da URSS, ainda profundamente afetados pelo seu passado: a Geórgia, a Arménia e o Azerbaijão. Na fronteira dos dois últimos, temos a região que tornar-se-ia a protagonista dum conflito de mais de trinta anos: Nagorno-Karabakh, território reconhecido como parte do

Azerbaijão, mas ocupado por uma maioria étnica armênia.

Seguem-se várias tentativas (falhadas) de conciliação: a iniciativa de paz do Cazaquistão e da Rússia, as tentativas de mediação do Irão e da Turquia, as resoluções do Conselho de Segurança da ONU e as propostas de paz do OSCE Minsk Group.

Apesar destes esforços, o cessar-fogo só seria alcançado a 9 de novembro deste ano, com as assinaturas do Presidente do Azerbaijão, Ilham Aliyev, do Primeiro-Ministro da Arménia, Nikol Pashinyan e do Presidente da Rússia, Vladimir Putin, tendo este acordo sido amplamente considerado como uma vitória para o Azerbaijão e uma derrota histórica para a Arménia.

Muitos criticaram a “falta de interesse” de gigantes como os EUA e a Europa. Pessoalmente, não sei se se tratará de falta de interesse ou duma falta de vontade de mexer com o status-quo e colocar em risco alianças e negócios lucrativos.

### (...) o cessar fogo só seria alcançado a 9 de novembro deste ano.

Realço para este efeito a dependência dos EUA no que toca ao petróleo Azeri e a aliança já histórica entre a Turquia e o Azerbaijão, que “justificou” o papel da



# D.

Turquia no agravamento deste conflito.

Para não falar que a Arménia e a Rússia sempre tiveram uma relação próxima e uma ligação económica mutuamente benéfica, apesar desta, curiosamente, ter vendido armas a ambos os países.

Mesmo desconsiderando estas motivações externas e o seu possível papel na duração deste conflito, algo claramente falhou na resolução desta situação. Especialmente tendo em conta que em 1994 ter-se-ia alcançado igualmente um cessar-fogo, a partir do qual pouco foi feito para alcançar um acordo pacífico permanente entre estas duas nações, culminando nos ataques militares a que assistimos recentemente que resultaram em milhares de mortos.

## **(...) algo claramente falhou na resolução desta situação.**

Este conflito é ainda mais sensível por não se tratar apenas de território, mas também dum conflito étnico – a Arménia e o Azerbaijão, apesar de vizinhos, são países com uma herança cultural drasticamente diferente, para

além disso, a Arménia é predominantemente cristã, enquanto que o Azerbaijão é um país maioritariamente muçulmano. E se tivermos em conta o passado da Arménia (Genocídio Armênio levado a cabo pela atual República da Turquia), esta situação veio acrescentar mais um capítulo negro à história deste país, incitando o clima de revolta que se faz sentir atualmente nas ruas de Yerevan.

Este exemplo torna clara a relevância e pertinência duma resolução de conflitos pacífica e eficaz. O mundo é cada vez mais interdependente e as consequências de um conflito refletem-se praticamente em todos os povos. Daí que deveria ser do interesse dos Estados, particularmente das grandes potências mundiais, envidar todos os esforços para solucionar ou limitar os conflitos que põem em causa direitos humanos.

Na prática, e apesar dos esforços de organizações como a ONU, estamos longe de um mecanismo verdadeiramente eficaz que faça cumprir as normas jurídicas internacionais, em parte graças à impossibilidade de um sistema de execução coerciva a nível internacional.



# D.

## **Estas respostas são imprescindíveis à concretização do sonho que deu origem à ONU: a paz mundial.**

Com efeito, como é que se impõem estas normas às grandes potências mundiais? O que garante o seu cumprimento? E no caso da mediação internacional, que terceiros é que poderão mediar eficazmente um eventual conflito entre os EUA e a Rússia ou entre os EUA e a China?

Estas respostas são imprescindíveis à concretização do sonho que deu origem à ONU: a paz mundial.

Não obstante, a paz requer muito mais que a resolução pacífica de conflitos internacionais. É anterior ao próprio conflito. Está num ensino proficiente e adequado que consciencialize e promova a interiorização dos princípios e valores que nos caracterizam como seres humanos. Está no respeito, na cooperação, no debate. Está no combate à mentalidade de que sem guerra não pode haver paz. E está numa consciência coletiva, numa identidade internacional e numa sociedade verdadeiramente cosmopolita.

**MARIA BEATRIZ FERREIRA**

Aluna de 3º Ano (UCP)  
Dupla Licenciatura em Direito e Gestão





# A REITORA

ISABEL CAPELOA GIL



*Personalidade  
em Destaque*

# D.

Um mês depois de termos entrevistado o Professor Carvalho Guerra voltámos a sentar-nos nas mesmas cadeiras, numa das salas da Presidência, para uma conversa que se estenderia por quase duas horas. Conversar com a Reitora da Universidade Católica Portuguesa provou-se, por um lado, como imaginávamos, um enorme privilégio e, ao mesmo tempo, uma das mais deliciosas tardes que alguma vez passei na nossa *alma mater*. Pela gentileza, pela atenção, pela inteligência, pela largura da visão e da ambição.

À data, a Professora Isabel Capelo Gil tornou-se numa figura por quem nutro uma enorme admiração. Que desta entrevista possam conhecer mais de uma mulher que, antes de mais, é “académica” e “professora”, apesar de agora “estar Reitora”.

## *Estar Reitora*

**E** ntrámos, de certa forma, a pés juntos, com uma pergunta que me apraz fazer de cada vez que me cruzo com alguém que ocupa cargos de topo: “Ser Reitora sempre foi uma ambição?”

“Ser Reitora, aconteceu. Aliás, não foi planeado. Há decisões que tomamos na Vida que nos encaminham em determinados percursos. Essas decisões vão, entretanto, tendo de se adaptar àquilo que é a orientação da costa, como acontece com os navios. No meu caso, eu tomei uma opção — mais ou menos com a vossa idade — quando acabei a licenciatura, que foi a de seguir o percurso académico, numa altura em que estavam a começar a desenvolver-se os Mestrados. Finais dos anos 80, princípio dos anos 90. Tinha, também, a opção por uma função que me foi oferecida em Bruxelas.”

Agora que preparo a versão escrita desta nossa conversa, depois de ouvir sobre a posição na Comissão Europeia, pergunto-me como conseguimos conter a curiosidade e evitar que toda uma conversa paralela surgisse especificamente sobre este tema. Como a própria disse, era uma oportunidade verdadeiramente

## **Ser Reitora, aconteceu.**

“fascinante” e que ainda hoje cativa o olhar atento de qualquer um.

“Eu queria verdadeiramente seguir a carreira académica. Com todos os riscos e inevitabilidades, esplendor e miséria que a profissão tem. Recusei o convite de Bruxelas.”

Feita a recusa, começou a carreira com que sonhou, e que passou por vários pontos, como “Portugal, Alemanha, Estados Unidos” e, finalmente, “Católica”.

# D.

Projetou e constrói a sua carreira, dia após dia, com uma máxima: “Eu não sou Reitora. Eu estou Reitora.” Este e outros cargos são aquilo que “se ocupa durante determinado momento, tendo uma determinada estratégia para o exercício dessas funções, mas não aquilo que nos define”. Aliás, se lhe perguntarmos, afinal,

## **Eu não sou Reitora. Eu estou Reitora.**

o que é, a resposta é rápida a surgir: “sou investigadora e professora”.

Se dúvidas restassem de como realmente é essa a sua essência atirou, para espanto nosso, “ainda hoje, apesar destes cargos, sou professora e dou aulas”. De entre os membros do Conselho de Reitores, provavelmente, figura como caso singular. “É um esforço, como podem imaginar (...) perder o contacto com os estudantes é perder o contacto com aquilo que é a realidade do ensino superior (...) e deixar de perceber aquilo que são as preocupações da nossa comunidade.”

Assume, ao mesmo tempo, os riscos do cargo de Reitora porque é “absorvente”.

Trata-se de “um cargo de gestão, um cargo político, de estratégia, mas, se tudo isso não estiver ancorado num projeto intelectual — que a universidade é, e por isso não é uma empresa como qualquer outra — estamos a pôr em causa aquela que é a natureza e a missão da instituição”.

“Desenvolver estratégias para o futuro com ferramentas do passado”, um erro que tem de ser evitado a todo o custo, aponta, precisamente, através de um contacto com as gerações atuais de alunos, “futuros líderes nacionais e internacionais” que são, também, “a elite profissional de amanhã — no sentido do conhecimento que acumulam”.

## **(...) ainda hoje, apesar destes cargos, sou professora e dou aulas.**

Ao mesmo tempo, a par de tantos outros que conheci em funções de chefia, a verdade é que continua a sentir que “ser professora é fascinante, é estar constantemente a aprender”.

De mão dada com esse fascínio, permite-lhe perceber, “de forma quase automática”, um grande conjunto de temas e assuntos.



# D.

## *A Pandemia*

Por via de uma interjeição qualquer, a certa altura, estávamos a falar do contexto pandémico, um tópico que, naturalmente, não podíamos deixar de abordar, mas que é a própria Reitora que traz para cima da mesa, com todo o à-vontade e franqueza que marcou o nosso diálogo.

“A pandemia foi um momento para todos nós aprendermos. A missão continuava, mas era necessário alterar os instrumentos.”

Quisemos, como Professora e como Reitora, procurar entender o que achava que se tinha perdido com o confinamento total, na Primavera, e que ditou a utilização de modelo totalmente *online*.

**A pandemia foi um momento para todos nós aprendermos. A missão continuava, mas era necessário alterar os instrumentos.**

“As perdas”, acredita, “não são irremediáveis. Podemos emendar a mão, porque temos consciência de que elas existem. O ato de ensinar é bilateral. O professor também aprende. E isto é um processo dialógico: nem tudo é apreendido, apenas, por meio da exposição oral”. E deu-nos um exemplo muito prático, de uma aluna israelita, que lhe disse “sabe, quando a Professora levanta a sobancelha, isso para nós também é relevante. São sinais.”

“Um professor, e um estudante, sentem quando uma turma está em sintonia ou quando há uma dispersão total. A mediação tecnológica, aquilo que traz, é a perda dessa dimensão empática que faz

parte do processo de aprendizagem”. E, daqui, ainda restou uma distinção muito interessante “quando esta relação empática já estava criada, foi possível manter; nos casos em que não estava, era praticamente impossível”. Como reconheço, totalmente, a verdade na conclusão que tira.

Mas desta noção do que pôde, e foi feito, no segundo semestre, restava começar a planear setembro com a certeza de que, pelos menos uma parte das aulas, teriam de seguir o modelo presencial. E “preparámo-nos com antecedência”. “Parte desse processo foi um forte investimento tecnológico: as câmaras e os microfones (além das plataformas que já existiam), colocadas nas salas, para que os professores pudessem dar aulas com a melhor

**(...) foi um verão intenso na Reitoria (...)**

qualidade possível, em *remote*”. Se bem que, a nível nacional, não houvesse qualquer outra instituição a concorrer nesta dimensão com um plano estratégico desta envergadura, ao mesmo tempo, essa história não se contava da mesma forma no plano internacional, no qual a Católica interveio: “foi um Verão intenso na Reitoria: a compra das câmaras... o distribuidor era de Taiwan e as câmaras eram escassas, encomendadas pelo mundo



# D.

fora. Em agosto, esperávamos ter todas as câmaras montadas. Praticamente, foi preciso ir à Holanda buscar as câmaras, numa luta contra universidades holandesas, francesas... o material chegava a Roterdão, de barco, mas não vinha até Portugal”.

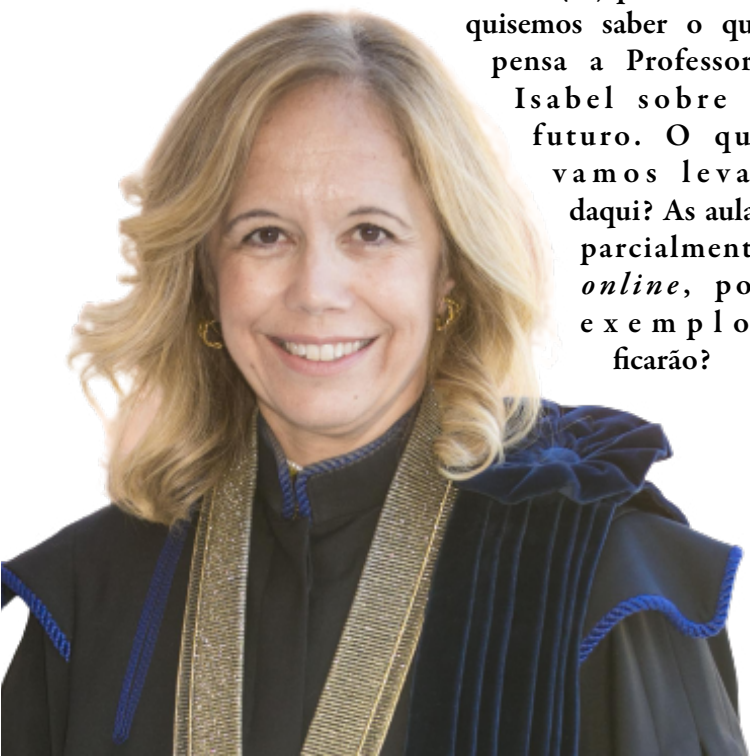
A propósito do modelo de aulas que se adotou, o híbrido, foi definida uma política, um modelo pedagógico, alinhado nacionalmente, foi sendo adaptado, de seguida, a cada um dos campus. Junto do escolhido, figuravam mais duas hipóteses e, por isso, contou-nos a Reitora um pouco mais sobre esse planeamento: “estudámos três modelos: 50%/50%; em espelho; redistribuição de alunos por mais turmas, o que implicava a ampliação dos horários, docentes e espaços.” Em razão das diferentes proporções e necessidades, conclui-se que este modelo, que teria de ser necessariamente híbrido, haveria de dar espaço para que cada unidade de produção de conhecimento se adaptasse melhor às suas necessidades e conveniências.

Crentes num mundo de amanhã, sem máscaras, sem distanciamento, e sem encontros (só) pelo Zoom, quisemos saber o que pensa a Professora Isabel sobre o futuro. O que vamos levar daqui? As aulas parcialmente *online*, por exemplo, ficarão?

Assim surgiu a conversa sobre o Católica Digital Hub: “com dois *tracks*: 1) produção técnica de conteúdos assíncronos; 2) *digital design*, para ajudar os professores a transformar os seus cursos em cursos digitais. O que é que nós queremos? Não nos vamos transformar numa universidade *online*, mas há instrumentos que, tendo-se tornados rotineiros com a pandemia, — e podem ser melhorados — são muito úteis para os estudantes: por exemplo, os materiais que podem ser disponibilizadas *online* (...) aulas gravadas, *online*, interativas e que podem ser disponibilizadas em diferido, aos alunos”.

## **Não nos vamos transformar numa universidade *online*, mas ...**

No seguimento deste desenvolvimento de futuro, ressuscitando o seu discurso de tomada de posse, apresentou um desafio claro para este seu novo mandato: “transformação do modelo educacional da Católica — olhando para a pandemia como um oportunidade (...) tendo em conta aquilo que aprendemos, tornando-nos mais empáticos, diminuir as aulas de formato clássico — sem que se acabe com elas — por exemplo: uma cadeira de direitos reais pode deixar de ter quatro horas semanais e passar a ter três, substituindo-se uma delas por um modelo assíncrono. Mas tem de haver um modelo, um racional, por trás e é isso que estamos a estudar”. Assim, “permite-se que o estudante tenha mais tempo livre, possa organizar melhor o seu tempo de estudo, e criar espaços mais transdisciplinares, permitindo que os estudantes possam





# D.

frequentar um conjunto de créditos fora da sua área de estudo”.

**(...) em janeiro, os alunos, os professores e os colaboradores da Católica vão ter acesso aos testes rápidos (...)**

A propósito da 1ª Edição do *Diurna.*, que orgulhosamente apresentámos à Senhora Reitora, quando a convidámos para esta entrevista, um dos artigos de que dela constava versava sobre a aplicação StayAway Covid. Quando lhe perguntámos qual a sua opinião sobre o tema disse que, à semelhança do que havia sido pedido pelo Governo, “a aplicação foi recomendada,

mas não indicámos que o *download* da aplicação tinha carácter obrigatório”.

No âmbito dos planos que a Universidade tem vindo a desenvolver no sentido de proteger a comunidade, aliás, a Reitora apresentou-nos um caminho que considera ser fundamental “testar, testar, testar” e, por isso, “em janeiro, os alunos, os professores e os colaboradores da Católica vão ter acesso aos testes rápidos... foi feita uma aquisição para poder fazer o despiste em situações que possam ser suspeitas dentro do campus. Imaginem, num seminário onde foi infetado um colega será possível que, dois ou três dias depois, vocês sejam testados para despistar. É uma medida para dar mais segurança à nossa comunidade.”

## *A Faculdade de Medicina*

Congratulada que foi, em nome da Equipa, pelo sucesso que vem de várias equipas, mas que cuja derradeira vitória acontece sob o seu comando, não pudemos deixar de partilhar algumas curiosidades sobre a famigerada Faculdade de Medicina, a abrir portas para os seus primeiros alunos já em setembro de 2021.

Falámos sobre a ideia de um curso verdadeiramente internacional, pela parceira com a Universidade de Maastricht, na Holanda, e cujo programa desenvolvido teria que ser “à prova de bala”.

**(...) à prova de bala.**

Não deixamos, também, de constatar o enorme desafio que aqui se apresenta. Para isso, a Reitora tinha ideia clara: “um dos segredos do sucesso da Católica é termos

sempre de provar mais que os outros”. E aqui quis fazer-se o mesmo, “ao nível das melhores a nível da Europa e do Mundo”, contrariando o apanágio das faculdades estaduais. Essa visão global, aliás, é um dos pontos chave da missão da Católica, “logo que foi criada”, no âmbito da internacionalização, daí o ciclo de estudos em inglês, numa clara consonância com o modelo de investigação e trabalho em Medicina, que se pauta por um conhecimento globalizado.

# D.

Lançou, para provar o seu ponto sobre a qualidade de ensino que pretende apresentar, um conjunto de exemplos essenciais, tendo-se destacado a ideia de “um tutor para cada dois estudantes”, algo muito diferente do que existe no mercado.

A propósito dos argumentos que se estenderam em relação ao acesso à especialidade, a Reitora lembrou que essa não é uma competência das Faculdades. Aliás, “não há nenhuma Faculdade de Medicina no país que possa oferecer essa garantia”. E o acesso pode ser feito “por estarmos na União Europeia, por candidatos de vários países”, lembrando, de novo, que o problema não está nas faculdades em si, e antes num sistema que deveria ser repensado.

## **É muito importante que a Faculdade de Medicina tenha os instrumentos para ser autónoma.**

Foi também interessante entendermos como funciona a parte prática do curso, e

as parcerias que a Católica estabeleceu. Além do Grupo Luz Saúde, com quem foi feito um contrato de “50 anos”, espaço de tempo que nos surpreendeu pelo quão longo é, assegurando o futuro do curso por um longo período, existem parcerias com outros hospitais públicos e com a ARS de Lisboa e Vale do Tejo. “A faculdade tem um acordo direto com o Hospital Beatriz Ângelo”, nomeadamente.

## **(...) um contrato de 50 anos.**

“É muito importante que a Faculdade de Medicina tenha os instrumentos para ser autónoma. Por exemplo: é mais caro agora (...) o caso de anatomia, requer um teatro anatómico. Podíamos ter decidido não ter um teatro anatómico e, por isso, usávamos as instalações do Grupo Luz, em Lisboa. A decisão que nós tomámos foi a de construir um, com tudo o que é essencial, para que a Universidade tenha em sua posse tudo aquilo que é essencial ao estudo da medicina”.



# D.

## *Dupla Licenciatura, em Lisboa... com direito a uma história*

Há uma história fundacional muito mais interessante do que aquilo que imaginávamos, por detrás do lançamento da Dupla Licenciatura em Direito e Gestão. Quando perguntámos à Doutora Capelo Gil pela ideia de transportar este modelo para Lisboa, ficámos a saber de como, no início, o projeto surgiu em duas frentes, com duas abordagens diferentes, uma na Invicta, outra na capital. Duas licenciaturas, em 5 anos. Ou, uma licenciatura que habilitasse para duas áreas, em 4 anos, numa formação híbrida. “Eram

dois modelos concorrentes e a Universidade decidiu, sendo eu na altura Vice-Reitora de Investigação e com o pelouro académico, que a proposta do Porto respondia melhor ao mercado, habilitava melhor os estudantes e foi esse o modelo que avançou”.

“Decidimos que era necessário testar o modelo nos primeiros anos... *so far, so very good...* e, portanto, com essa análise, eu gostaria muito de que em Lisboa se pudesse avançar com um modelo semelhante.”

**(...) eu gostaria muito de que em Lisboa se pudesse avançar com um modelo semelhante.**

## *O intercâmbio inter-campi*

“Nós temos que usar aquilo que são as vantagens competitivas da Católica e uma dessas é podermos fazer com que os alunos possam circular, dentro da sua área disciplinar, por entre os vários campus.”

Inicialmente, previa a equipa reitoral ter lançado esta iniciativa durante o último ano, mas, com a pandemia, o processo ficou em suspenso; contudo, não foi

descartado. “A ideia é a de que se possam complementar créditos (...) numa espécie de Erasmus interno”.

“Vai com certeza”, respondeu-me a professora quando, mais do que entusiasmado, lhe perguntei se ainda teria a sorte de, nos dois anos que tenho pela frente, vir a experimentar tal oportunidade.

# D.

## *A mais arriscada das decisões*

Estávamos a falar sobre a sua experiência nas melhores faculdades americanas quando ouvimos a seguinte lição: “Harvard ensinou-me o valor do risco, determinante para a forma como eu olho para Universidade, a necessidade de ponderadamente arriscar nos projetos em que a Universidade pode sair ganhadora e, uma coisa: nunca decidir por inércia”.

“A decisão mais arriscada que tomei no meu mandato teve muito que ver com os riscos”. A medo, sinceramente sem saber se teria acesso à resposta genuína que nos deu, quisemos que nos desse mais pormenores sobre essa história, numa altura em que já outros compromissos se faziam esperar, em resultado de uma conversa que era, acima de tudo, tão fácil, e inebriante, de se ter. “Havia uma proposta para construção de um novo edifício, que estava pronta para avançar, mas que ainda não tinha começado. A apreciação que eu e a minha equipa fazíamos era a de que aquele edifício não ia servir as necessidades da universidade porque, no dia em que fosse

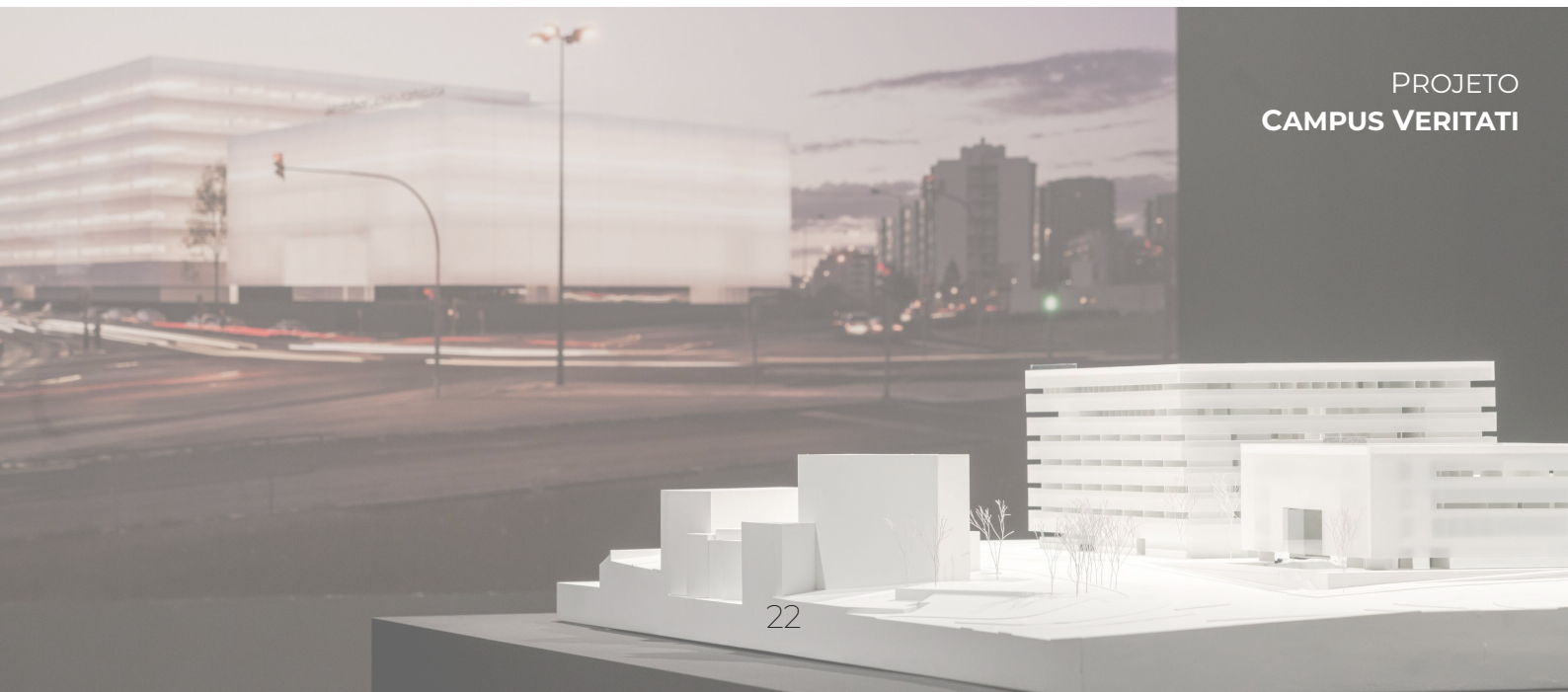
aberto, estava esgotada a sua capacidade. A decisão era: já se gastou quase um milhão de euros, avança-se ou não se avança? A partir do momento em que se avançasse não podia fazer uma outra que era mais ambiciosa. Mais arriscada. Mas serve a universidade muito depois de eu sair

### **Não arriscar é hipotecar o futuro da instituição.**

dela...”

Os *stakeholders* a quem, entretanto, apresentou esta ideia não lhe tiraram o tapete e devolveram-lhe a responsabilidade de tomar, livremente, a decisão, independentemente do processo que já havia começado antes. Numa decisão arriscada, não avançou com o modelo inicial e, assim, nasce o futuro campus Veritati, em Lisboa.

“Não arriscar é hipotecar o futuro da instituição.”



PROJETO  
CAMPUS VERITATI



*O Diurna.*

Se houve coisa que nos incentivou sempre neste projeto foi o *feedback* que recebemos. O da Reitora, por todos os motivos, e como se o simples facto de ter acedido a esta longa conversa não fosse indicador bastante, é verdadeiramente gratificante.

“Gostei do *look and view*. É elegante. O 1º número está muito bem conseguido. Gostei imenso da entrevista ao Professor Carvalho Guerra, que é um contador extraordinário. E entendo que um jornal de estudantes é um ato de cidadania. É importante para a Universidade.

**O 1º número está muito bem conseguido.**

Ousados, admitimos, perguntámos por uma ideia de futuro... um Diurna. (ainda) mais amplo, que assentasse nos mesmos modelos que a visão da Reitora de uma Universidade Católica que tira partido

desta realidade repartida entre vários *campi*.

Perguntei: “seria possível o Diurna., num futuro ambicioso, cobrir, de certa forma, os vários *campi* da Católica, incluindo-os neste projeto”.

“Claro que sim! Claro que sim! Claro que sim! Claro que sim!”, contei quatro vezes esta segurança de quem confiava naquilo que queríamos fazer. De quem percebia a nossa visão de enriquecimento da casa que também é nossa e da qual tanto nos orgulhamos. Convidou-nos, aliás, a Reitora, para concretizar essa ideia já em janeiro próximo, através de uma plataforma à qual não conseguiríamos aceder sem a sua ajuda. Mas isso... isso é uma história para o próximo capítulo, e para outra ocasião.

**Um Diurna. (ainda) mais amplo?  
Claro que sim!**

Em meu nome, e de toda a Equipa do Diurna., agradecemos profundamente à Professora Doutora Isabel Capelo Gil pelo tempo que despendeu connosco. Pela magnífica conversa, que estou certo de que não será a última, e pelas portas e oportunidades que nos confiou.

Num texto que já vai longo, esperamos ter feito justiça à Personalidade em Destaque desta Edição, apesar de termos tido que deixar de fora outras partes igualmente importantes mas que, por constrangimento editoriais, ficaram por contar: o papel da UCP nas relações internacionais, mais sobre o seu percurso nas universidades americanas e o que aprendeu lá sobre as realidades sociodemográficas e, além disso, os pequenos apartes, com que tanto nos rimos, mas que desde logo prometemos ficarem confinados às paredes da Presidência e que nos escutaram.

Será que voltamos àquela sala para a próxima entrevista, da edição de março?

# D. CBQF

30 ANOS DE INVESTIGAÇÃO EM  
BIOTECNOLOGIA COM IMPACTO



# D.

## O FUTURO NASCE NO CAMPUS DA CATÓLICA PORTO

O CBQF - Centro de Biotecnologia e Química Fina foi criado como centro de investigação em 1990, celebrando este ano 30 anos. O CBQF foi classificado como excelente pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia em 2019, sendo reconhecido como Laboratório Associado desde 2004.

Um aspeto muito relevante para as atividades do CBQF foi a mudança física, no início de 2019, para um edifício recém-estabelecido de 4 pisos e 9000 m<sup>2</sup> no Campus da Foz, proporcionando a integração num ecossistema multidisciplinar e promovendo a investigação transdisciplinar entre as diferentes faculdades e centros dos CRP.

O CBQF tem uma trajetória contínua de crescimento, tanto em dimensão como em qualidade e excelência do seu trabalho, permitindo-lhe continuar a ser: i) internacionalmente reconhecido no domínio da biotecnologia para a alimentação e o ambiente; ii) um ator ativo na elaboração de políticas e na definição de prioridades em matéria de I&D&I; iii) um parceiro preferencial em

matéria de I&D&I para criar valor com impacto na economia circular.

A principal missão do CBQF é contribuir para uma Bioeconomia sustentável, desenvolvendo e disseminando, de forma constante, conhecimento e inovação em áreas essenciais - Alimentação e Nutrição, Meio Ambiente e Saúde com impactos importantes na saúde humana, bem-estar e economia. Através da sua investigação, suportada na Biotecnologia, o CBQF responde a desafios globais como a segurança alimentar, alimentação mais saudável, sistemas de produção de alimentos sustentáveis ou a gestão de resíduos e recursos.

### **(...) parceiro preferencial (...)**

O CBQF registou ao longo dos seus 30 anos um crescimento substancial nas várias componentes das suas atividades relacionadas à excelência de desempenho. O CBQF integra atualmente 215 investigadores, dos quais 107 com doutoramento e 55 alunos de doutoramento.

**Aspeto relevante: a mudança física para o Campus da Foz!**

# D.

O esforço dos investigadores tem permitido um número crescente de publicações que traduz a cultura de colaboração subjacente ao CBQF, destacando-se que, dos artigos publicados em 2019, 86% foram realizados em colaboração com centros e instituições de investigação portuguesas (55) ou com parceiros internacionais (109, de 37 países).

As parcerias CBQF-indústria estão na origem do centro, colaborando nos últimos 5 anos com mais de 140 empresas nacionais e 34 internacionais, gerando valor em cerca de 85 projetos de I&D. Destaca-se a recente colaboração com empresa internacional de biotecnologia AMYRIS (EUA) que permitiu a aprovação do projeto ALCHEMY, único na sua dimensão e diferenciação, que integra atualmente 70 investigadores.

## (...) número crescente de publicações (...)

A exploração de conhecimento gerado pelos investigadores do centro tem, de forma crescente, sido valorizada através da proteção intelectual com a criação de 31 patentes.

## As atividades de outreach são uma prioridade.

As atividades de outreach são uma prioridade para o CBQF, tendo a comunicação do CBQF em 2019 atingido cerca de 2.500.000 cidadãos, e levando 7.500 alunos do ensino secundário a interatuar com iniciativas de investigação.

Assim, o CBQF perspetiva o futuro continuando a aplicar o conhecimento e inovação para uma sociedade e economia melhores, transferindo conhecimento e tecnologia na criação de novos negócios e mentalidades e estabelecendo relações com outras Unidades de I&D.



### MANUELA PINTADO

DIRETORA DO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO CBQF

Licenciou-se em Ciências Farmacêuticas pela Universidade do Porto e doutorou-se em Biotecnologia pela Universidade Católica Portuguesa. Enquanto Professora Associada na Escola Superior de Biotecnologia trabalha no interface da Microbiologia com a Saúde. Tem desenvolvido numerosos projetos de I&D+I (com empresas e instituições científicas nacionais e internacionais) nas áreas da valorização de subprodutos e resíduos, produção e caracterização de compostos bioativos, alimentos funcionais e antimicrobianos naturais.



# D.

## TOQUEM-SE NOS CORAÇÕES!



“**P** ah, eu estive com o gajo!”, foi aqui que eu percebi que a bomba me ia reventar nas mãos. Aos 15 anos depois de ter tido o maior desgosto amoroso da minha vida decidi ser médico. Sou médico há 16 anos. O mundo fez-me ver que ser médico não poderia ser apenas uma forma de ganhar dinheiro. Trabalhei em sítios onde nenhum jornalista consegue chegar. Por ser testemunha duma intensidade de sofrimento humano que é invisível aos corações dos que me rodeiam, decidi começar a escrever. Não sou, nem serei um grande escritor, mas tenho a certeza que se conseguirmos pôr os olhos e os corações das pessoas onde eu já tive os meus, certamente muitos vão fazer igual e tendencialmente bem melhor do que eu. Foi por transportar mundos inóspitos e inusitados, de uma forma honesta e sentida que algumas pessoas me foram querendo ler. Escrevo com o coração, e peço muitas vezes que a arte me acompanhe na vontade de fazer sentir, porque já me morreram muitas pessoas nas mãos, a quem eu prometi a minha luta eterna e interna.

Ver chineses a morrerem e por consequência a ficarem fechados em casa, foi apenas mais um exercício do nosso distanciamento empático que tem sempre contornos de desprezo e xenofobia para com a diferença, que prejudicaram e inibiram aprendizagens, precauções e intervenções que poderiam ter minimizado a desgraça que estamos a viver hoje. Agimos pouco, mal e tarde tudo porque os chineses não contam para as nossas contas. Espero que fique este ensinamento sobre o mundo



### GUSTAVO CARONA

MÉDICO INTENSIVISTA

Gustavo Carona é licenciado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto em 2004. Desde 2014 pertence ao Serviço de Medicina Intensiva do Hospital de Pedro Hispano em Matosinhos. Pelos Médicos do Mundo em 2009 fez a sua 1ª missão humanitária em Moçambique. E pelos Médicos Sem Fronteiras trabalhou em 5 missões humanitárias em diferentes países, todas em cenários de guerra. Tem difundido de norte a sul do país em escolas, universidades e na comunicação social, todo o trabalho dos Médicos Sem Fronteiras e as suas experiências humanitárias.

# D.

Há 9 meses atrás percebi o quanto me ia doer, quando concluí que era melhor afastar-me da minha mãe, por estar a trabalhar diariamente com os doentes mais graves Covid. A minha mãe é o sol e a lua da minha vida. Também muita gente se afastou de mim pela profissão que exerço, mas percebi que as minhas dores eram bem pequeninas ao lado de alguns companheiros de luta que se afastaram dos filhos, para poder trabalhar e proteger os seus pais. Sozinhos, sem o toque dos que nos querem que nos faz girar o mundo, exaustos e a ver muita gente a morrer sozinha nos hospitais. Foi o que nos pediram para fazer.

## **Aos 15 anos depois de ter tido o maior desgosto da minha vida decidi ser médico.**

Ontem à noite, equipado de uma forma que me torna irreconhecível, entrei no quarto de um doente Covid cuja dificuldade respiratória se estava a agravar rapidamente. Era o momento de o pôr a dormir e ligar ao ventilador: “Sr. A., o meu nome é Gustavo e sou o seu médico. Vou pô-lo a dormir porque está com pouco oxigénio no sangue...” enquanto lhe apertava a mão com muita força... Eu não sou uma pessoa muito carinhosa, mas este talvez seja o último toque que sente na sua vida... “Não se

## **(...) conclui que era melhor afastar-me da minha mãe (...)**

preocupe, vai correr tudo bem e eu próprio vou dar notícias à sua família!” Menti. Menti com o mesmo carinho com que lhe apertava a mão, porque não sei se a minha mão e as minhas palavras não serão as últimas que o irão tocar.

Não me sinto especial e não me revolto. Compreendo as fragilidades da condição humana. Nada mais quero, do que vos dar aquilo que eu não pude dar ao Sr. A.: A verdade, a mesma que dei à sua família. Na esperança que se tiverem os olhos e o coração onde eu tenho os meus, poderão certamente fazer igual ou melhor.

Atirei-me para dentro de um circo de feras de gente mal formada, mal informada e mal intencionada. Nada disso me dói. O que me dói é o que eu não sinto, é a falta de toque dos meus. É ser o último toque de tantos, mesmo de alguns em quem eu não tive o prazer de tocar.

Cada vez que saio do hospital nos últimos meses, caminho até onde já ninguém me vê para poder chorar. Quase não tive férias, quase nada na vida me faz rir, e trabalho com dores físicas por vezes insuportáveis. Mas não

## **Eu não sou uma pessoa muito carinhosa, mas este talvez seja o último toque que sente na sua vida...**

# D.

## **Um dia vamos contar a história desta pandemia.**

é isso que me destrói por dentro. O que me dói é a responsabilidade de tratar, de cuidar, de estudar e aprender, de ensinar os mais novos, de dar força às caras cansadas, e de dar sempre mais qualquer coisinha de mim para levantar o véu da escuridão sobre o que se passa nos hospitais e que os números não contam, porque sei que a comunicação salva muitas mais vidas do que o meu trabalho como médico.

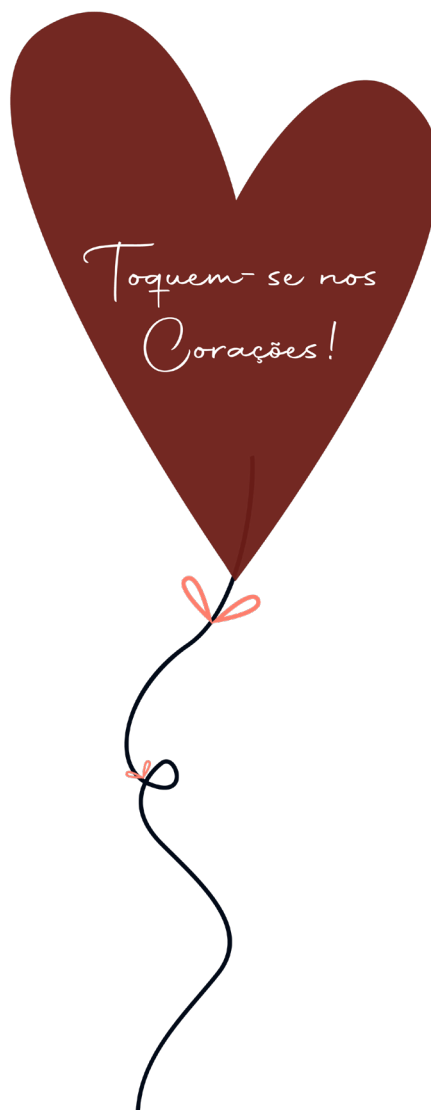
Eu sei que as pessoas estão desesperadas. E eu não consigo não me desesperar com elas, e me esforçar para criar a empatia necessária pela crise avassaladora que paira na vida de tantos e de todos que têm coração. É também por esses que eu me sinto na obrigação de dar nada menos do que o meu melhor até cair para o lado, porque digam o que disserem, nós nunca vamos desistir das pessoas, nunca vamos desistir de segurar nas mãos que estão sozinhas nos hospitais. Nós tocamos-los com a mesma vontade que vos pedimos que não se toquem tanto, como sendo a única medida que pode salvar o toque que queremos do futuro quase presente.

Um dia vamos contar a história desta pandemia, que ironicamente nos pede para não nos tocarmos hoje, sabendo que tudo o que importa na vida é que em breve nos toquemos para sempre, nas mãos, nos abraços, nos beijos e nos corações.

Muitos como eu, vão continuar a não tocar no sol e na lua das suas vidas para

## **Eu sei que as pessoas estão desesperadas.**

que possamos estar ao lado dos vossos, que precisam do nosso toque nos hospitais.



# D.

## MEMÓRIAS DE LESBOS: DA BANALIDADE DO BEM À BANALIDADE DO MAL.

**A**o revisitar as memórias que trago de Lesbos, fico indecisa entre escrever sobre o melhor ou o pior da humanidade. Deveria aproveitar estas linhas para alertar para a banalidade do mal? Em Lesbos, o mal é um mar laranja que inunda aquilo que na ilha é conhecido como ‘cemitério dos coletes’. Um mar da cor do inferno, um mar da cor de milhares de infernos, de milhares de coletes, de milhares de dramas, de milhares de rostos. Rostos que poderiam ser o meu, ou o teu, se tivéssemos nascido com o passaporte errado. Mas não é fácil reter os rostos, e as vidas que cada um desses rostos representam, mesmo na altura em que as imagens dos barcos e dos coletes no Mediterrâneo nos invadiam quotidianamente as televisões.

Estas imagens incomodavam-nos, mas não nos desinstalavam verdadeiramente. Tal como quando víamos imagens da terrível pandemia que assolava a China no final de 2019. Empatizar significa ter a capacidade de se colocar no lugar do outro, imaginarmos que somos essa pessoa, ou que esse outro poderia ser um de nós. Por isso nos sentimos tão desinstalados quando vimos a fotografia do Alan Kurdi, porque vimos naquele bebé, com o mesmo tom de pele e as mesmas roupas dos ‘nossos’ bebés, os nossos filhos, netos, primos e irmãos. Por isso nos sentimos tão desinstalados quando a pandemia começou a assolar a Europa, porque projetamos naqueles doentes os nossos amigos, pais e avós. Como alcançar a empatia pelo ‘outro’ quando ele é diferente e está distante de nós? Indo ao seu encontro.



### MARIANA REIS BARBOSA

PROFESSORA - FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

Doutorada em Psicologia da Justiça pela Universidade do Minho, é Professora Auxiliar na Faculdade de Educação e Psicologia da UCP. É coordenadora nacional do Heroic Imagination Project, um projeto internacional fundado e liderado por Philip Zimbardo. Tem sido coordenadora nacional de diversos projetos internacionais financiados pela Comissão Europeia. Representa a Universidade Católica Portuguesa na Comissão Executiva da Plataforma de Apoio a Refugiados (PAR), tendo sido fundadora e coordenadora no terreno do programa de voluntariado ‘Plataforma de Apoio a Refugiados @ Linha da Frente’ em Lesbos, na Grécia.



# D.

## A banalidade do bem!

Foi o que procurei fazer quando fui para Lesbos, e a lição da banalidade do mal que lá encontrei foi substituída pela da banalidade do bem quando um ‘outro’ veio ao meu encontro. Eu estava num café com o meu portátil, provavelmente entretida nas redes sociais, a tentar escapar por breves instantes às vivências da noite anterior, das chegadas dos barcos ao inferno do campo de Moria. Um ‘outro’, aproximou-se de mim, e com o olhar pediu timidamente autorização para se sentar na minha mesa, e carregar o telemóvel. Passou a ter um rosto, e um nome. Teria cerca de 12 anos. Com o auxílio do google tradutor, consegui perceber que era do Iraque, e que estava sozinho, veio sem a família. Disse-me que queria chegar à Finlândia. Tudo o que tinha cabia numa pequena mochila. Quis pagar-lhe o chá que pediu, educadamente declinou, e parei de insistir quando percebi que para ele era ‘ponto de honra’. Foi-se embora para apanhar o ferrie para Atenas. Quando eu ia pagar o que consumi, o senhor do café disse-me que o rapaz fez questão de pagar a minha parte. Esqueceu-se de levar uma embalagem de pastilhas ‘rocco strip’. Ainda hoje, passados quatro anos, guardo esta embalagem comigo. Uma memória de um breve encontro que deu um rosto a um colete. E uma recordação desta lição de vida que me foi dada por uma criança que apesar de tão maltratada pelo mundo, quis partilhar com uma desconhecida – um outro – o quase nada que tinha.



# D.

## A FATURA DA COVID-19 NA DIGNIDADE HUMANA

---

Muito se tem falado no impacto da COVID-19 a nível económico e financeiro, que é sem dúvida uma catástrofe real. Porém, desenganem-se quanto à inexistência de outros infortúnios.

Ora, como sabemos, o primeiro princípio fundamental a ser protegido pela nossa Constituição é a dignidade da pessoa humana, sendo esta intrínseca a qualquer ser humano e, por conseguinte, inviolável. Apesar deste ideal tão enraizado num Estado de Direito, a verdade é que a SARS-CoV-2 abriu portas para o seu esmorecimento em dois lados da mesma moeda: nascimento e morte.

No ponto de partida de uma vida, não permitiu que as futuras mães tivessem o acompanhamento do pai num momento que certamente teria sido fantasiado por ambos. Tal teve consequências, sobretudo, quer ao nível de ansiedade sentida pelas grávidas, quer ao nível do contacto essencial do nascituro com o seu outro progenitor.

Quanto ao procedimento post mortem, este foi completamente modificado ao não permitir a identificação do cadáver e, como corolário lógico, a afetação do direito de luto dos seus entes mais queridos. A este propósito, num lar da Cidade do Porto, sucedeu um caso de troca de identificação de corpos, o que levou, de um lado, à consciencialização por parte de uma das famílias que o seu familiar teria sobrevivido à COVID-19 e, de outro lado, procedeu-se ao velório e funeral de um “suposto” familiar, quando, na verdade, esse familiar era pertencente à primeira família.

Como escreve Alberto Caeiro, heterónimo de Fernando Pessoa (Poemas Inconjuntos), “Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia, /Não há nada mais simples. / Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.” De facto, estes marcos inicial e final da nossa vida merecem toda a magnanimidade, pois são eles que delimitam a nossa existência.

Posto isto, a fatura da COVID-19 sobre a dignidade humana é clara e inequívoca. Resta-nos conseguir observar esta doença infecciosa como um potencial motor de arranque do nosso direito e do valor máximo que merece na defesa dos maiores interesses.



**VANESSA OVELHEIRO**

Mestrado em Direito (UCP)

Texto escolhido pela Equipa Editorial, a propósito do desafio lançado à comunidade.

# D.

## **O ASSOCIATIVISMO**

---

### AS (NOSSAS) ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES

Uma história contada na 1ª pessoa pelos seus protagonistas.



# D.



**FAP** | FEDERAÇÃO  
ACADÉMICA  
DO PORTO

**ANA GABRIELA CABILHAS**

PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO ACADÉMICA DO PORTO

**E**ncontro no associativismo estudantil o verdadeiro espaço para imaginar, projetar e sonhar com total liberdade. O associativismo estudantil é indispensável ao Ensino Superior, pelo que o seu valor deve ser reconhecido. Por um lado, este garante que os estudantes estão no centro de decisão das políticas das Instituições de Ensino Superior e estimula o sentimento de pertença à própria instituição. Por outro lado, o associativismo estudantil é uma escola de cidadania, ao contribuir para a participação democrática e para a construção social, através de uma reflexão profunda sobre os desafios que a sociedade nos impõe.

A crise sanitária que estamos a viver traz consigo uma crise social, que ameaça qualquer esperança num futuro melhor. O emprego jovem, digno e de qualidade, será uma prioridade no mandato de 2021. Neste momento difícil e, mais do que nunca, a FAP tem de estar ao lado dos recém-diplomados, reforçando a confiança no futuro da Educação. As competências digitais podem atuar como facilitador ao nível da empregabilidade, pelo que a Academia deve ser o rosto do futuro, com promoção da cultura tecnológica e das competências digitais. A adaptação do ensino às exigências do novo panorama nacional veio expor a necessidade de melhoria dos métodos de ensino e aprendizagem, pelo que a inovação pedagógica será um dos focos deste mandato. A reflexão deve ser estendida desde a utilização de novas tecnologias à missão adicional de permitir o desenvolvimento de autonomia, criatividade e espírito crítico para um mundo em constante mutação e no qual o conhecimento aumenta de forma vertiginosa.

**O verdadeiro espaço para imaginar, projetar e sonhar com total liberdade.**



# D.



## FACULDADE DE DIREITO

---

**FRANCISCO ALMEIDA**

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES  
DA FACULDADE DE DIREITO

**A** Universidade dá a oportunidade a cada estudante de desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto aluno e cidadão. O associativismo e o espírito acadêmico sempre foram fundamentais para desenvolver a solidariedade e para a formação de melhores cidadãos. Nas grandes questões políticas os estudantes e as Associações que os representam estiveram sempre na linha da frente na defesa dos seus interesses, como na década de 60 na luta contra o Estado Novo ou nos anos 90 na luta contra o aumento das propinas. Nos tempos que correm, nunca foi tão exigente ser dirigente associativo. Os desafios hoje colocados são mais complexos e diversificados. Como no passado, neste ano tão atípico, nunca foi tão importante o papel das Associações de Estudantes como estrutura representativa de todos os alunos da nossa Faculdade.

A AEFDUCP, que faz este ano 34 anos de existência, não é exceção. Sofreu com a pandemia e pôs a nu a dependência direta que a Associação tem da atividade presencial. O grande desafio para o futuro é por um lado defender os interesses dos nossos alunos, dar resposta aos seus problemas, que se vieram a agravar com a pandemia, e adaptar todo um plano de atividades que dependia muito da presença física. É notório que o temos conseguido fazer, adaptamos a nossa forma de atuação, e tivemos de nos reinventar, tem sido um grande desafio para todos os meus colegas que partilham comigo esta missão. Queremos continuar a aproximar a AEFDUCP aos nossos alunos, para que todos sem exceção, da licenciatura ao Doutoramento, se sintam parte da AEFDUCP - Uma AE dos Estudantes, para os Estudantes, é o nosso mote.

**(...) nunca foi tão importante o papel das  
Associações de Estudantes (...)**

# D.



## CATÓLICA PORTO BUSINESS SCHOOL

---

**GONÇALO SOUSA**

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES  
DA CATÓLICA PORTO BUSINESS SCHOOL

**A** Associação de Estudantes da Católica Porto Business School – AECPBS, apresenta-se como a maior estrutura representativa de alunos no Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. O associativismo, e a presença de uma Associação de Estudantes é cada vez mais, um pilar essencial no desenvolvimento do percurso académico dos alunos.

Consideramos que o conceito de uma associação de estudantes não se encerra numa simples definição. Ainda assim, há duas vertentes pelas quais todas se devem reger: a primeira, relacionada com a garantia da qualidade de ensino da instituição -que no nosso caso é das melhores do país, e ousara dizer do mundo- para que esta nunca seja descorada, em nenhum momento; e a segunda, é a vertente lúdica, essencial para a integração dos alunos no espírito académico e para o seu bem estar social.

Deste modo, uma AE é a garantia de um bom rendimento escolar através da articulação destas duas vertentes.

A AECPBS vai mais longe. Para além de estarmos presentes na resolução de conflitos e problemas dos nossos alunos, temos como objetivo assumido criar e dinamizar oportunidades, como por exemplo explorar as competências transversais e o desenvolvimento pessoal e profissional assegurando sempre a excelência de ensino que caracteriza a CPBS; conseguidas nomeadamente através de uma relação cuidada com a direção da faculdade, com a Federação Académica do Porto assim como com todas as associações presentes no nosso *campus*.

**(...) o conceito de uma associação de estudantes  
não se encerra numa simples definição.**

# D.



## ESCOLA DAS ARTES

---

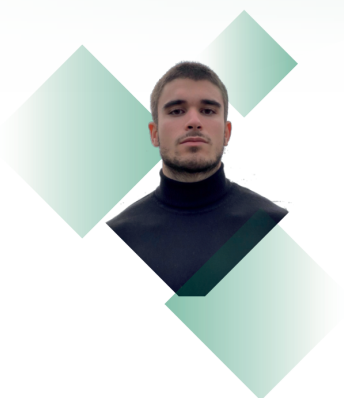
**FRANCISCA SÁ**

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES  
DA ESCOLA DAS ARTES

**S**empre ouvimos que a união faz a força e, se há coisa que define associativismo é união. Um conjunto de indivíduos que formam um só e remam para apenas um objetivo comum. Associativismo representa em si qualidades humanas que outrora sozinhos não poderíamos explorar ao fundo. Cooperação, solidariedade. É um bem essencial à nossa comunidade, constantemente a lutar para que o bem comum seja exercido. É isso que todos os dias nos motiva a trabalhar e a representar a nossa comunidade da melhor forma que podemos. A Associação de Estudantes da Escola das Artes, representante dos alunos dos três cursos da instituição, está assente na cooperatividade que estes cursos, de diferentes áreas artísticas, sempre tiveram. Neste mandato, o nosso foco é melhorar as vias de comunicação dentro da instituição, para que melhor possamos atender às necessidades dos nossos associados. Para além disso, após longos anos de incertezas, pretendemos solidificar a nossa posição enquanto Associação de Estudantes da Escola das Artes e à nossa comunidade trazer um apoio consistente, exigente e confiável.

**(...) um apoio consistente, exigente e confiável.**

# D.



## ESCOLA SUPERIOR DE BIOTECNOLOGIA

---

**FRANCISCO SILVA**

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES  
DA ESCOLA SUPERIOR DE BIOTECNOLOGIA

**S**em nunca perder relevância, o associativismo académico é provavelmente das peças mais bonitas do puzzle que é a vida universitária. Apesar dos desafios que carrega com ele, é capaz de fomentar um leque de capacidades críticas e habilitações que só beneficiam qualquer futuro profissional, independentemente da área, e criam um espírito resiliente em torno de um trabalho de equipa quase diário. A importância associativa é cada vez maior, e cada vez mais se nota que, para além do carácter representativo, existem palavras a dizer ao mundo político e educativo, em prol de quem nos defende, e de quem defendemos: os estudantes.

E será em representação dos estudantes que pretendo agir durante o desafiante mandato que tenho adiante. Tudo o que a associação de estudantes se comprometer a realizar, terá sempre em vista o desenvolvimento pessoal e bem-estar do aluno, bem como a integração e ressurgimento do espírito académico que, infelizmente e inevitavelmente, se perdeu com a pandemia que enfrentamos. Serei a voz que muitos não têm e lutarei por uma comunidade estudantil mais capaz, mais atenta, mais envolvida e mais lutadora.

**(...) o associativismo académico é provavelmente das  
peças mais bonitas do puzzle que é a vida  
universitária.**

# D.



## INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

**INÊS PIRES MOREIRA**

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES  
DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

**D**urante 8 anos fui escuteira e durante 14 jogadora federada de basquetebol, vendo-me envolvida em atividades em que era imperativo trabalhar em equipa, procurar objetivos em comum e aprender a lidar com personalidades diferentes. Sem saber, ambas as atividades despertaram em mim o sentido da liderança, que pretendo refletir no meu mandato enquanto presidente da associação de estudantes do ICS.

Por isso mesmo, o associativismo é de extrema importância para que uma coletividade passe a ter uma maior entoação social. É fundamental para assegurar todas as boas condições em cooperação e em torno de objetivos em comum, é o trabalhar em equipa em prol de um bem maior. Associativismo é participar e ser solidário, refletindo-se no imperativo da coletividade e não do individual. Uma Associação Estudantes é isso mesmo: é a união e conjugação de várias pessoas e não depende apenas do dirigente associativo.

O associativismo tem, ainda, um papel fulcral nas relações sociais e, enquanto aluna da licenciatura em enfermagem, não posso deixar de refletir o quão benéfico o domínio das competências sociais e de compreensão com o próximo é para o bem-estar físico, social e mental.

No meu discurso de tomada de posse disse: “Não será uma tarefa fácil dar a voz e a cara por mais de 200 estudantes, mas a AEICS trabalhará sempre em conjunto com a universidade em prol dos estudantes: somos estudantes, a trabalhar para estudantes em benefício de estudantes.” Assim, ambiciono reerguer e construir uma AE mais próxima, consistente e dedicada, em que o espírito de cooperação se reflete na disponibilidade para resolver os problemas de cada um, especialmente numa altura que, por várias razões, é mais desafiante do que nunca.

**O talento vence jogos, mas só o trabalho em equipa, ganha campeonatos.**

Michael Jordan



# D.



## FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

---

**BRUNA CORREIA**

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

**F**reuento o 3.º ano da licenciatura em Psicologia da Universidade Católica e sou a atual Presidente da Associação de Estudantes da Faculdade de Educação e Psicologia.

Desde muito cedo que o associativismo está presente na minha vida e com isso a vontade de fazer mais, melhor e diferente.

Acredito que as grandes palavras que movem o associativismo são a união e trabalho em equipa, assim como o amor pelo próximo, porque só dessa forma faz sentido.

É com muito orgulho e responsabilidade que represento este papel. Num ano cheio de desafios, acredito que é isso mesmo que nos permitirá crescer enquanto associação. Com uma equipa pronta e motivada para marcar a diferença, ambicionamos criar grandes oportunidades para os nossos alunos e permitir trazer mais conhecimento sobre a Psicologia.

**(...) as grandes palavras que movem o associativismo  
são a união e trabalho em equipa (...)**

# D.



## FACULDADE DE TEOLOGIA

---

**RICARDO AFONSO**

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES  
DA FACULDADE DE TEOLOGIA

O associativismo, mormente o académico, é um ponto de encontro entre diversas dimensões da vida do estudante durante o seu percurso no ensino superior, ou pelo menos assim deveria ser. As exigências do tempo presente levam-nos a acreditar que o associativismo vale a pena, mesmo quando desafiado a actuar de forma diferente, mantendo o seu lugar devido: junto dos estudantes, para eles e com eles. Esta exortação quase doxológica traz para o primeiro plano aquilo que consideramos o mais importante (sobretudo numa Universidade Católica), a dimensão do serviço, do estar para os outros, independentemente da crença de cada um. Cada proposta e cada projecto deve ter bem presente esta dinâmica de servir, de dar de si aos outros, ao bem comum. Muitas vezes as associações são meros trampolins para a vida política e/ou académica dos dirigentes, o que é errado. Ainda que sirvam para reforçar a participação na vida de uma faculdade/escola as associações são antes de mais meios de auxílio e pontos de encontro entre todos os estudantes.

Para o presente mandato apresentam-se-nos desafios importantes. O lugar da Teologia na vida universitária tem vindo a ser repensado e actualizado, e a associação de estudantes não pode estar indiferente a esse processo. Sendo uma faculdade nacional em três pólos distintos é necessário procurar o equilíbrio entre identidade e missão - a identidade própria de uma associação com mais de 30 anos e a missão que nos é pedida enquanto dirigentes perante a comunidade académica e também enquanto associação no contexto da faculdade e da Universidade. O nosso trabalho será sempre pugnar pelo maior bem possível para os nossos estudantes, estabelecendo pontes e assumindo com desassombro estes ideais.

**Para o presente mandato apresentam-se-nos  
desafios importantes.**

D.

# OS PREFERIDOS

MANUEL AFONSO VAZ

Livro favorito? **Os Maias.**

Filme favorito? **Casablanca.**

Se pudesse mudar 1 aspeto em Portugal, o que seria?  
**O funcionamento da Justiça.**

Viagem de sonho? **A viagem que ainda não fiz.**

Memória? **Dois projetos que realizei no cargo de Presidente do CRP: a dupla licenciatura em Direito e Gestão; a sala de estudos.**

Qual a situação no seu ambiente de trabalho que mais a/o marcou?  
**A generosidade que fui encontrando em todas os ambientes de trabalho em que estive.**

Qual o seu lema de vida? **Não julgar os outros sem os ouvir.**

Qual é a primeira coisa que faz ao acordar?  
**Carregar na tecla do despertador para voltar a tocar daí a 15 minutos.**

Para começar bem o dia, o que não pode faltar? **Um banho de chuveiro bem quentinho.**

Qual o tema da atualidade que mais o faz pensar hoje/esta semana? **O assassinato bárbaro do cidadão ucraniano, Ihor Homenyuk, no Aeroporto de Lisboa, cometido por agentes do Estado.**

Como ocupa os seus tempos livres? **Leitura e um bom jogo de cartas.**

Se pudesse escolher outra profissão, qual seria?  
**Ser professor com a experiência adquirida.**

Prato preferido? **Um bom cozido à Portuguesa.**

ALÉM DE PRESIDENTE DO CENTRO REGIONAL DO PORTO, FOI O 1º PROFESSOR CATEDRÁTICO DA CATÓLICA PORTO E DIRETOR DA ESCOLA DE DIREITO.





# D.

## SUBENSHI SUSHI PORTO



Nuno, estava aqui a pensar no bem que me soube a nossa ida ao Subenshi, que considero um dos melhores restaurantes do Porto: tudo é uma experiência, até o maravilhoso edifício, com uma história tão rica.

Olá olá, professora! É mesmo, ainda estou a pensar no nosso almoço. Particularmente, as tempuras de camarão. A amêndoa a envolver estava incrível.



Mesmo, uma das minhas entradas preferidas. Sou particularmente fã do sushi tradicional, que ali é muito bem feito: o peixe é fresquíssimo e o arroz está sempre no ponto.



Os clássicos era ótimos, concordo! Mas acho que sou um modernço, nisto. As peças mais elaboradas com a fruta, por exemplo, conquistaram pela explosão de sabores.



Concordo: não sendo grande apreciadora de sushi de fusão, ali até estas peças me sabem bem. Acho que quando o restaurante é bom, tudo é magnífico.



Mas sabe... para acabar, as sobremesas podiam ter sido um pouco mais "incrreditáveis". Não fiquei surpreendido. E o petit gateau de chá verde... desse não sou fã!!!



Já eu adorei a originalidade do que foi servido. Adorei que tivéssemos feito um "pijaminha" de sobremesas e os sabores cativaram-me pela diferença.



Ana Pereira de Andrade  
@anapereiradeandrade

Mensagem...

...

@brochadodeagarez  
Nuno Brochado de Agarez





# D.

# VIDA NO CÂMPUS

## JANEIRO

06

XI CICLO DE SEMINÁRIOS DE ASOE | 1º SEMINÁRIO (ONLINE)

12

CICLO DE WORKSHOPS | CULTURA ORGANIZACIONAL E IDENTIDADES

20

SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE PATRIMÓNIO TÊXTIL  
LIMPEZA DE TAPICES

26

CICLO DE WORKSHOPS | GESTÃO DE (IN)DISCIPLINA

27

SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE PATRIMÓNIO TÊXTIL  
RESTAURACION DE TEJIDOS HISTÓRICOS

28

OPENDAY DA ESCOLA SUPERIOR DE BIOTECNOLOGIA

29

VASCO ARAÚJO - PATHOSFORMEL  
SALA DE EXPOSIÇÕES DA ESCOLA DAS ARTES

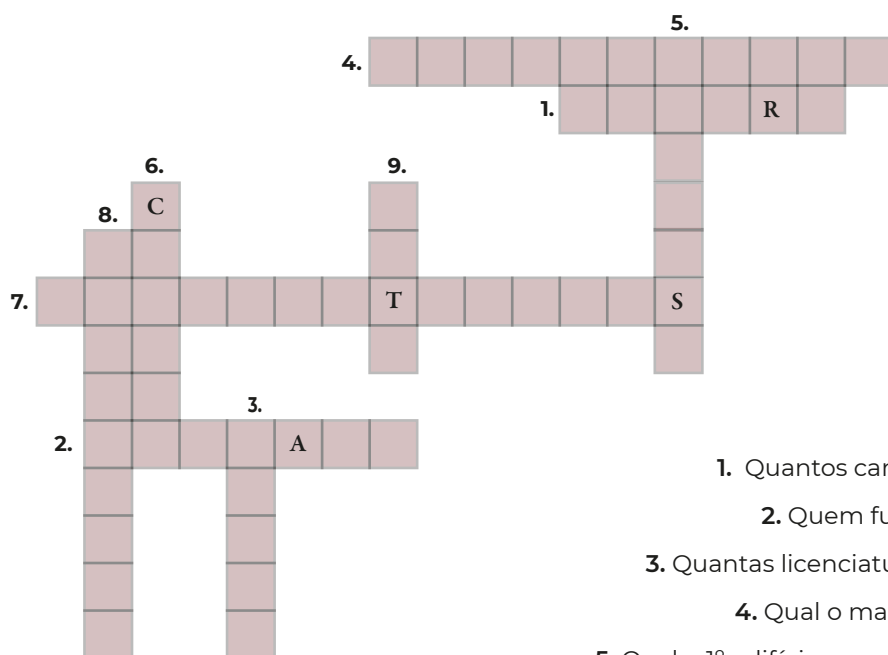




# D.

## PALAVRAS CRUZADAS

CONHECES MESMO A  
UNIVERSIDADE CATÓLICA?



1. Quantos campus tem a UCP em Portugal?
2. Quem fundou a Universidade Católica?
3. Quantas licenciaturas existem na Católica Porto?
4. Qual o maior auditório da Católica Porto?
5. Qual o 1º edifício a ser construído no campus da Foz?
6. Qual a mais recente licenciatura do CRP?
7. Há quantos anos foi fundada a UCP?
8. Qual o 1º curso da Universidade Católica, em Portugal?
9. Quantas unidades de ensino existem na Católica Porto?

Soluções  
1. Quatro  
2. Santa Sé  
3. Trêze  
4. Ilídio Pinho  
5. Paraiso  
6. Cinema  
7. Cinqüenta e Três  
8. Filosofia  
9. Oito



OS TEXTOS DOS AUTORES CONVIDADOS  
NÃO SÃO SUJEITOS A QUALQUER PROCESSO  
DE REVISÃO, POR RESPEITO AO ESTILO  
PRÓPRIO DE CADA UM.

Se é verdade que os primeiros passos de qualquer projeto são absolutamente fundamentais para o seu sucesso, para a sedimentação dos seus valores e para a sua concretização junto do público a que se destina, é também verdade que, uma vez dados esses passos, os momentos seguintes são ditam o rumo e percurso a percorrer.

Enquanto preparávamos esta 2ª Edição, muitas foram as portas que se abriram, pela mão daqueles a quem, por essa razão, queremos dedicar este número: à Professora Isabel Braga da Cruz, Presidente do Centro Regional do Porto, cujo apoio nos permitiu chegar mais longe e contactar com ainda mais pessoas; e, ainda dentro de portas, ao Professor Nuno Crespo, Diretor da Escola das Artes, que nos presenteou com ideias e ferramentas para tornar o **Diurna**. num projeto (ainda) mais abrangente.

Finalmente, à Reitora, a Professora Isabel Capelo Gil, que, além de estrelar numa das nossas rúbricas, renovou elogios motivadores ao nosso trabalho e nos desafiou de uma forma que deixou a Equipa profundamente entusiasmada. Como no primeiro dia.

A todos estes, e aos que não mencionei: obrigado.

A Equipa do **Diurna**. dedica-vos esta Edição.

NBA

---

**D i u r n a .**



[jornaldiurna.com](http://jornaldiurna.com)

# D.

EDITOR IN CHIEF

NUNO BROCHADO DE AGAREZ

EDITORS

LÚCIA CATARINA FERREIRA

DANIEL FILIPE MADUREIRA DA FONSECA

JOÃO PAULO COUTINHO

HEAD OF DESIGN

BERNARDO SÁ CALDAS